

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA:
ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA
PARA A APRENDIZAGEM DE VALORES**

Vivian Suellen R. de G. Oliveira (Faculdade Cenecista de Itaboraí)

viviansuellen@hotmail.com

Jorge Júnior (UNIGRANRIO)

RESUMO

O presente artigo é resultado de um trabalho que teve como foco a investigação da influência da contação de história para a construção de valores morais e éticos no contexto escolar. O tema foi pensado devido à percepção de um encorajamento à violência entre crianças do ensino infantil e do ensino fundamental I. Para desenvolver este trabalho, utilizou-se uma metodologia quali-quantitativa. Com uma pesquisa bibliográfica, foram levantados dados para a composição de um questionário. Em seguida foram aplicados 30 questionários a professores do curso de graduação em Pedagogia, diretores e coordenadores de escolas, que avaliaram cada um dos itens do questionário como muito essencial, essencial ou não essencial. A seguir, empregou-se o método Lawshe, que permitiu validar ou excluir os itens. O trabalho pode contribuir que projetos de leitura e o envolvimento de pais, alunos e professores seriam as ações essenciais.

Palavras-chave: Contação de história. Estratégia. Aprendizagem. Valores.

1. Introdução

As crianças, desde seu nascimento, estão imersas em um mundo de fantasia, cheias de histórias de conto de fadas, onde todos vivem em paz e harmonia, aquele que mente vê seu nariz crescer, aquele que tenta comer aquilo que não é seu é apanhado pelo caçador e no final sempre há um final feliz... Mas não é o que temos presenciado nas escolas e afins.

É nesse âmbito, que se faz necessária a aprendizagem de valores utilizando-se desse momento tão prazeroso que é o da leitura. Além de aprendizagem de valores, tem-se também a formação de novos leitores, campo muito importante para a aprendizagem em si, no qual muitas crianças têm dificuldade, tornando para eles, uma aula chata e sem graça, já que não consegue muitas das vezes, compreender a proposta da leitura.

Vivemos em uma sociedade que se encontra em caos, valores estão invertidos, não há respeito, estamos impermeados de competição, mentira e ódio. Dentro das escolas, é um fator preocupante, pois o lugar que era pra ser de prazer e aprendizagem, tem-se tornado, muitas das vezes, um campo de guerra tanto para o aluno quanto para o professor.

A contação de história funcionaria como possibilidade de estratégia nesse meio turbulento, um apaziguador e transformador de comportamentos dentro e fora da escola, utilizando-se exemplos vividos na história, para o auxílio do desenvolvimento moral do indivíduo.

O objetivo geral desta pesquisa é mostrar as contribuições da contação de história, como práxis intencional para o resgate de valores morais e éticos para os indivíduos, no ambiente escolar. Tendo como foco, a discussão da violência escolar vivida no Brasil, e a identificação da influência da literatura contada na vida do indivíduo, levando-o à aquisição de valores morais e éticos.

Visando apresentar o argumento de formato resumido, comentaremos a contação de história, de acordo com a teoria de Bettelheim, importante teórico que contribui para o tema aqui proposto.

2. Aspectos conceituais

2.1. O que são valores e como estão presentes em nosso cotidiano

Segundo Bauman (2004), diante de toda individualidade, o cenário mais comum de amor líquido são os relacionamentos entre os seres humanos; esse relacionamento oscila entre sonhos e pesadelos. Uma hora somos amigos, outrora somos inimigos, e não se pode determinar o momento que um se transforma no outro.

Como bem disse Miranda (1998), também vemos um encorajamento à violência, a partir do momento que as pessoas têm como exemplos, nos centros urbanos e rurais, a ideia de um falso poder, a ideia de um poder centralizado onde só se vê aqueles que têm condições financeiras. E aqueles que não têm condições, acabam ficando de lado. A solidariedade entre as classes sociais também não existe mais, a tolerância étnica não existe. Fala-se muito em igualdade, mas não há. O que existe é uma exclusão vinda de todos os lados na sociedade. Percebe-se assim, a violência como uma das consequências da perda ou da inversão de valores.

Madeira (1999) verificou, que a violência juvenil, que se revela não só fora das escolas, mas também dentro delas, não é uma questão tão contemporânea, por estar intrinsecamente ligada a juventude à violência desde o aparecimento da categoria adolescência ou juventude. Ainda segundo a autora, a literatura sociológica já dispõe de uma grande discus-

são do assunto, com evidências que apontam que essa categoria (adolescência) é, de acordo com a história, atrelada às transformações da coletividade moderna, desde o momento em que há uma transformação do trabalho urbano industrial, permitindo crianças e adolescentes da participação na produção direta, e à conseqüente e a gradual disseminação da entrada à escola pública. Sendo assim, o adolescente, ao mesmo tempo em que lhe era exigido comportamento e obediência de criança, era também exigido, desempenho de adulto. A esses, era dado um espaço de preparação, via escolaridade uma espécie de moratória.

De acordo com Campos et al (2002), Immanuel Kant afirmava que “não existe bondade natural. Por natureza somos egoístas, ambiciosos, destrutivos, agressivos, cruéis, ávidos de prazeres que nunca nos saçiam e pelos quais matamos, mentimos, roubamos”.

O quadro baixo é um resumo dos problemas enfrentados pela comunidade escolar:

Resumo da Problematização

| PROBLEMA | FONTE |
|-----------------------------------------------------------------------------|------------------------|
| Um encorajamento à violência, a partir de exemplos existentes na sociedade. | MIRANDA, 1998 |
| Violência juvenil dentro e fora das escolas. | MADEIRA, 1999 |
| Egoísmo e ambição por natureza. | CAMPOS, M. et al, 2002 |

Assim, pode-se entender que a violência tem sido, nesses últimos dias, um fator preocupante, quer seja no ambiente escolar, quer seja fora dele.

3. A autoridade do conto na construção pessoal de valores

Um conto pode provocar uma gama de sensações no ouvinte, contribuindo assim para a formação subjetiva de valores. Se bem utilizadas, podem se tornar forte aliada nessa construção. Como destacado por Bettlheim,

[...] o poder regenerador dos contos de fadas, por conterem na sua estrutura elementos simbólicos, cria uma ponte com o inconsciente, integrando os conteúdos arquetípicos e propiciando à criança conforto e consolo em termos emocionais (BETTLHEIM, *apud* BUSATTO, 2003, p. 15).

Durante uma contação de história é possível também o estímulo das habilidades cognitivas, bem como estimular a criatividade e a própria contação, pode ser usada como ponto de referência para a introdução do

conteúdo:

Embora essa atividade possa parecer nada mais que uma oportunidade de distrair e acalmar crianças, no que é bastante eficiente, seus efeitos vão muito além do entretenimento. Ouvir as histórias estimula a imaginação, educa, instrui e desenvolve as habilidades cognitivas, além de fornecer o ponto de partida para se introduzir o conteúdo programático (NEDER et al., 2009, p. 62).

Sem dúvida alguma, o conto possibilita à criança a oportunidade de abstrair aquilo que lhe é necessário sem precisar vivenciar o objeto em questão. De acordo com Neder (2009), “o conto propicia à criança experienciar suas emoções, vivê-las em sua fantasia, sem que precise passar pelas mesmas situações na vida real”. (NEDER, et al., 2009, p. 63)

Percebe-se dessa forma, a importância do conto para a construção do cidadão, além de ampliar o conhecimento e a criatividade dos alunos, pois, “a história possibilita o contato das crianças com o uso real da escrita, leva-as a conhecer novas palavras, a discutir valores como o amor e o trabalho e a usar a imaginação, tornando-as criativas e capazes de pensar”. (NEDER et al., 2009, p. 63).

Portanto, a história por si só, tem uma gama de lados que podem ser utilizados pelo professor/contador, fazendo com que as crianças ampliem sua parte cognitiva, ajudando em seu desenvolvimento.

4. Metodologia

A metodologia aqui utilizada foi a quali quantitativa.

Na base qualitativa, trata-se de uma revisão bibliográfica, onde, de acordo com Severino (2007), é realizada a partir do material já disponível, disposta a partir de pesquisas anteriores, em artigos livros e periódicos, utilizando assim, dados já apresentados por outros estudiosos, de suas análises constantes de outros textos. Foram usadas bases do Scielo, entre outros, para a identificação de estudos sobre o tema, sem restrição de publicação, utilizando assuntos como: violência escolar, ética, processo educativo, regulador moral, biblioterapia e representações sociais.

Com esses dados, foi possível identificar uma possível influência da literatura contada na vida do indivíduo, levando-o à aquisição de valores morais e éticos, e como se dá a violência no ambiente escolar.

A abordagem quantitativa, como diz Severino (2007), só pode ser verificada através de dados matemáticos, revelando uma relação de quan-

tidade. Diante desta situação, foi empregado o método Lawshe, no qual foram elaboradas ações para o desenvolvimento moral e ético dos alunos da educação infantil e fundamental I. Tais ações foram caracterizadas como muito essencial (considerando que tal ação deve realmente ser aplicada), essencial (considerando importante, mas não necessariamente aplicável) e não essencial (considerando a ação com baixa aplicabilidade).

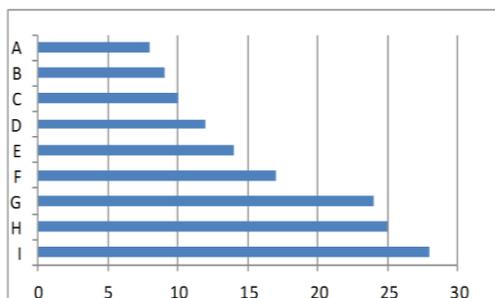
O questionário põe em xeque, ações baseadas nos conceitos de dois pensadores: Bettelheim (2002), psicólogo e especialista em estudo da influência dos contos de fadas e Busatto (2012), licenciada em Educação Artística, escritora e contadora de histórias. De acordo com os conceitos levantados por esses autores, foi elaborado um questionário, para investigação das ações que podem ser realizadas, como possibilidade de estratégia na aprendizagem de valores.

5. Resultado da pesquisa

A pesquisa foi realizada com 30 profissionais da educação (professores, coordenadores e diretores), de escolas municipais e particulares da cidade Itaboraí, no Rio de Janeiro.

Após a coleta, os dados foram quantificados e organizados para que se pudesse chegar às ações essenciais à aprendizagem e ao desenvolvimento dos valores éticos e morais no ambiente escolar. A pesquisa foi direcionada para o contexto da educação infantil e do ensino fundamental I. Os questionários foram apresentados nas duas primeiras semanas de outubro de 2014.

O gráfico abaixo evidencia o resultado da pesquisa:



Quadro 1: Quantificação e hierarquização dos dados levantados na pesquisa de campo

Ações apresentadas no gráfico acima:

| | |
|--------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Ação A | Usar os valores morais de personagens infantis como exemplo. |
| Ação B | Utilização do conto como elo integrador entre desenvolvimento afetivo, psíquico e social. |
| Ação C | Intervenção governamental. |
| Ação D | Utilização do conto para valorização das diferenças culturais e introdução de conceitos éticos. |
| Ação E | Adotar livros que tenham significado moral e ético. |
| Ação F | Intervenção da escola. |
| Ação G | Levar em consideração a realidade do aluno. |
| Ação H | Intervenção dos pais e familiares. |
| Ação I | Implementar projetos de leitura que visam a redução da violência no espaço escolar. |

Com a hierarquização dos dados, notou-se que, implementar projetos que visem à diminuição da violência na escola é a ação mais essencial (93%). Dessa forma, percebe-se a necessidade de uma valorização de projetos que envolvam a leitura e a participação dos alunos, dos pais e dos mestres. Sabendo que tal ação envolve não só as crianças, pode-se afirmar que se trata de uma atividade coerente em relação ao resultado dos outros dados.

Tal afirmação pode ser feita, uma vez que todas as outras ações, apontadas como essenciais, envolvem a “intervenção dos pais” (83%) e “levar em consideração a realidade do aluno” (80%). Uma conclusão importante é de que a simples “intervenção da escola” (57%) é a ação menos essencial, isso quer dizer que a mobilização pedagógica sem o aparato dos responsáveis e sem a participação efetiva dos alunos, dentro das suas limitações, pode não surtir efeito, de acordo com as respostas levantadas.

Percebeu-se também que a simples utilização da leitura por meio de “adoção de livros com significado moral e ético” (47%), “Utilização do conto como elo integrador entre desenvolvimento afetivo, psíquico e social” (40%), “Usar os valores morais de personagens infantis como exemplo para o desenvolvimento desses mesmos valores nos alunos” (27%) e o “Uso dos contos de ensinamento (provenientes de linhas filológicas e/ou religiosas), para resgate de valores” (27%) são ações que envolvem apenas o professor e o aluno. Tais ações não são essenciais para a minimização da violência nas escolas.

Por fim, uma ação promovida de cima para baixo não seria essencial. Apresenta-se tal afirmação, pois a pesquisa pode concluir que uma “ação apenas governamental” (33%) não solucionaria o problema da ba-

nalização da ética e da moral nas escolas. Trata-se, portanto, de uma ação não essencial.

Ao final do questionário fechado, foi disponibilizado um espaço para os respondentes opinarem sobre qual seria a ação essencial para a diminuição da violência nas escolas. A compilação das sugestões dos respondentes leva à mesma conclusão levantada no questionário com questões fechadas: projetos que envolvam a escola, os pais e respeite a realidade do aluno são ações essenciais para a minimização da violência no contexto escolar. É importante salientar que essas respostas, não foram hierarquizadas. Abaixo segue o quadro com as sugestões dos respondentes:

| | |
|-----|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 11 | Uso de palestras e oficinas |
| 22 | A própria pesquisa, devidamente com as respostas, demonstra como podemos trabalhar de forma lúdica, os conceitos da ética, do afeto e da própria violência vivenciada dentro e fora do espaço escolar. Um dos recursos são atividades realizadas por meio dos contos; |
| 33 | A escola pode utilizar de gincanas de boa vivência, a turma mais amiga. Sempre utilizando meios que usem a valorização do ser humano, da criança e sua cultura dentro do ambiente escolar; |
| 44 | A escola poderá trabalhar com projetos que enfatizem o respeito e a solidariedade, através de atividades prazerosas onde o aluno aprenderá com espontaneidade; |
| 55 | Seminários, peças teatrais que envolvam assuntos sobre violência, danças que fale sobre o assunto explorando a criatividade do aluno estimulando que eles criem suas histórias e qual a melhor maneira de representar; |
| 66 | O recurso que a escola tem disponível é o diálogo. O diálogo com a família, com os alunos é fundamental para conhecer a realidade de vida de cada um para então poder intervir de maneira correta; |
| 77 | Recursos lúdicos, como jogos e brincadeiras de regras, de faz de conta; |
| 88 | Um dos recursos que a escola pode utilizar para reduzir a violência é a dinâmica com teatro com a participação dos alunos, convocação de pais e responsáveis à participação de projetos na escola entre outros; |
| 99 | Em primeiro lugar, trazer os pais sempre que possível para a escola. Palestras que falem sobre o tema e suas consequências. |
| 110 | A escola tem que aprender a ouvir a comunidade escolar (alunos, pais e funcionários). Entender que não somos detentores do saber. Enquanto professores/mediadores, precisamos estar atentos aos sinais dados. Promover encontros, debates nos quais os alunos estejam inseridos; |
| 111 | Para tratar sobre esse assunto, acho que seja necessária uma parceria entre família e escola; |
| 112 | Intervenção pedagógica com projetos de não violência, mostrando caminhos alternativos de acordo, como o diálogo; |
| 113 | Através de projetos onde apresentem fatos e experiências sobre violência; |
| 114 | Como recurso é necessário que a família trabalhe em parceria com a escola, estando atento à tudo em volta do aluno para poder orienta-lo sobre as “armadilhas” do mundo em que o cerca; |
| 115 | Utilizar instrumentos e procedimentos variados que desenvolvam nos alunos atitu- |

| | |
|-----|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | des éticas que fortaleçam o convívio social; |
| 116 | Que tenha um programa que envolva toda a comunidade escolar, que seja principalmente elaborado para os pais/professores e funcionários da escola para que eles sirvam de exemplos para os alunos; |
| 117 | Projetos envolvendo os alunos, à medida que uns precisam dos outros. Um projeto que só dará certo se trabalhados em conjunto. Se os alunos entrarem em conflito atrapalhará todo o andamento do projeto; |
| 118 | Trabalhar em cima de projetos, mostrando a importância do respeito mútuo; |
| 119 | Deve ser feita palestras para pais e responsáveis dos alunos, campanhas de arrecadação de matérias e agasalhos para os próprios alunos recolherem e levarem até os locais de doações. Banca de debates com temas referentes a estas questões citadas, oportunizando os alunos a participar de forma direta; |
| 220 | Promover cursos e oficinas educativas para que os alunos desenvolvam suas habilidades e promover cursos para conscientização dos responsáveis para que eles entendam que a escola só consegue exercer o seu papel com a eficiência de tiver o apoio da família; |
| 221 | Trabalhar valores morais e éticos na rotina diária resgatar a essência da família. Resgatar o amor ao próximo, isso é fundamental; |
| 222 | Acredito que nossos alunos, por muito tempo, sofreram e ainda sofrem nas mãos de certos profissionais que não enxergam seu aluno e querem apenas uma sala em silêncio para que o conteúdo seja dado. Acredito que hoje, estamos colhendo o que foi plantado, pois por experiência própria, vários professores falaram para mim o que queriam sem nenhum pudor ou respeito, e eu sempre os respeitei. O que o professor precisa entender, é que os alunos e pais de hoje estão muito mais informados e não aceitam serem maltratados e hoje reproduzem essa violência, pois os alunos não estão sendo respeitados em suas vivências e experiências; |
| 223 | A escola deve se valer de meios mais rígidos, não com a criança, mas com os pais, para que se possa contar com a presença e colaboração dos mesmos na escola, pois a criança fica a mercê do acaso, sentindo-se livre (abandonada) para agir como quiser dentro e fora da escola, sem se comprometer, sem interagir, pois o abandono o leva a isso, tornando-o mais agressivo, e notando que ficará impune, pois não tem quem o conscientize do que é melhor, ficando assim impune. O que o leva a cada dia mais, a agredir e ser intolerante com quem está ao seu redor. Hoje, sou testemunha dessa violência que acaba sobrando para o professor; |
| 224 | A escola primeiramente deve conhecer a realidade social do aluno e assim, então intervir na necessidade de cada um, de acordo com seu risco social. A escola pode trabalhar temas como: A valorização da família, o respeito mútuo aos colegas e professores. A violência nas escolas está generalizada. Todos os dias, presencio algum tipo de violência no espaço escolar. Recentemente, uma agressão a um funcionário, no qual tive que intervir e tomar as providências cabíveis, porém, com o passar do tempo a realidade é que nós, profissionais da educação estamos a mercê, pois não temos como, transferir o aluno e muito menos expulsá-lo, ficando assim impune. Casos de violência nas escolas cada dia aumentam mais. É preciso que se crie políticas públicas que protejam o profissional da educação. Mais importante que isso, é importante que observemos a causa do problema, pois normalmente a violência que chega à escola “começa em casa”! A família precisa estar envolvida nesse processo. |

6. Conclusão

Neste artigo, buscou-se destacar as pesquisas relacionadas à influência da contação de história na aprendizagem de valores morais e éticos. De acordo com a revisão bibliográfica, podemos perceber que as histórias infantis que ensinam valores às crianças são sim uma grande aliada à prática pedagógica, além de se ter essa construção da moral na vida dos alunos.

De acordo com a pesquisa realizada, propõe-se que seja criado um projeto a ser trabalhado nas escolas, onde o objetivo principal seja o resgate e a construção/aprendizagem de valores éticos no espaço escolar tendo assim reflexo na sociedade. Esse projeto precisa, necessariamente, do acompanhamento dos pais pra que haja sucesso. Os docentes da escola juntamente com a equipe diretiva e todos os responsáveis, podem apontar os problemas vividos, suas consequências e suas possíveis soluções, para tanto, é preciso que todos estejam unidos a fim de resgatar esses valores tão esquecidos em nossa sociedade.

Conclui-se que a contação de história, aliada a projetos e à família, tem em seu amplo aspecto, uma grande influência sobre as crianças, ensinando valores outrora esquecidos, fortalecendo os vínculos sociais, enraizando valores do bem, ensinando a criança a lidar com situações difíceis sem que precise vivenciá-las.

Por fim, espera-se que outros pesquisadores deem continuidade à pesquisa iniciada aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAITELLO JÚNIOR, Norval. Imagem e violência: a perda do presente. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, vol. 13, n. 3, jul./set.1999. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000300011&lang=pt. Acesso em: 30-08-2014.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 2003.

CAMPOS, M. et al. História da ética. *Científico*. Salvador, vol. 1, n. 2,

ago./dez.2002. Disponível em:

<<http://www.ceap.br/material/MAT30082013193807.pdf>>. Acesso em: 30-08-2014.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise e didática*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Antonio Eugênio. *Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade*. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio Escolar*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LAWSHE.C.H. *A quantitative approach to content validity*. Bowling Green: Personnel Psychology, 1975. Disponível em:

<http://www.bwgriffin.com/gsu/courses/edur9131/content/Lawshe_content_validity.pdf>. Acesso em: 19-09-2014.

LUCAS, E.R.O. et al. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, vol. 11, n. 3, set./dez.2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362006000300008&script=sci_arttext>. Acesso em: 30-09-2014.

MADEIRA, Felícia Reicher. Violência nas escolas: quando a vítima é o processo pedagógico. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, vol. 13, n. 4, out./dez.1999. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000400006&lang=pt>. Acesso em: 30-08-2014.

NEDER, D. L. S. M. et al. Importância da contação de história como prática educativa no cotidiano escolar. *Pedagogia em Ação*, Minas Gerais, vol. 1, n. 1, 2009. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/648/662>>. Acesso em: 17-08-2013.

NESELLO, F. et al. Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos. *Revista Brasileira De Saúde Materno Infantil*, Recife, vol. 14, n. 2, abr./jun.2014. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292014000200119&lang=pt>. Acesso em: 2-09-2014.

PORTILHO, Evelise. *Como se aprende? Estratégias, estilos e metacognição*. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIANS, L. C. A. Psiu, repara aí!: avaliação de fôlder para prevenção de violência escolar. *Psico-USF*, Itatiba, vol. 18, n. 2, maio/ago.2013. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712013000200016&lang=pt>. Acesso em: 30-082014.

TAHAN, Malba. *A arte de ler e contar histórias*. 5. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.